



NARRATIVAS DE MEMÓRIA SOCIAL DO GRUPO DE TEATRO GO. STAR E SUA INFLUENCIA NA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA

SOCIAL MEMORY NARRATIVES OF THE GO. STAR THEATER GROUP AND ITS INFLUENCE ON IDENTITY FORMATION

Margarete Panerai Araujo

<http://orcid.org/0000-0001-9231-8590>

PPGCOM/UFRGS

Programa de Pós graduação em comunicação

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Pós-doutorado em Administração Pública e de Empresas em Políticas e Estratégias pela FGV EBAPE/RJ (2013); e pós-doutorado em Comunicação Social, Cidadania e Região na UMESP nas Cátedras UNESCO de Comunicação e Gestão de Cidades (2010). Possui Doutorado em Comunicação Social pela PUCRS (2004); Professora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

margarete.araujo@unilasalle.edu.br

Mariana Galeazzi Modesti

<http://orcid.org/0000-0003-3624-0578>

PPGMSBC/ Unilasalle

Programa de Memória Social e Bens Culturais

Mestrado em Memória Social e Bens Culturais, possui graduação em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul(1995). Atualmente é Professora do Colégio Santo Antônio.

marianamodesticsa@gmail.com

Resumo- Este artigo é resultado de uma pesquisa, que tem como objetivo geral compreender e

explicar as narrativas sobre as relações individuais e sociais de pertencimento ao grupo de teatro Go. Star, na formação sobre as identidades de jovens artistas. O tema construção identitária, assim como, os desempenhos subjetivos, estão harmonizados nos demais conceitos como de memória social de Halbwachs (2006), de juventudes em León (2004); de pertencimento em Maffesoli (2001) e de identidade em Candau (2011). Metodologicamente, este artigo se situa como pesquisa social aplicada e qualitativa. As técnicas utilizadas foram levantamento bibliográfico, documental além do estudo de caso, e fez uso de instrumentos de coleta de dados, através da observação participante e entrevistas semiestruturadas com jovens envolvidos numa prática cultural e artística. Como resultado constatou-se que ao sentirem-se pertencente a um grupo, sua identificação e compromisso social envolvem as relações afetivas como a escuta atenta, e o acolhimento efetivo. Nesse sentido as trocas de experiências, teóricas e práticas desenvolveram forças motivacionais como resultado do ambiente cultural em que vivem, afetando a maneira pela qual os sujeitos se percebem.

Palavras-chave: Memória social. Formação. Identidade. Grupo Go Star.

Abstract-This article is the result of research, which has the general objective of understanding and explaining the narratives about the individual and social relations belonging to the theater group Go.Star, in the formation on the identities of young artists. The theme of identity construction, as well as subjective performances, are harmonized in other concepts such as social memory by Halbwachs (2006), youth in León (2004); belonging in Maffesoli (2001) and identity in Candau (2011). Methodologically, this article is an applied and qualitative social research. The techniques used were bibliographic, documentary survey in addition to the case study, and made use of data collection instruments, through participant observation and semi-structured interviews with young people involved in a cultural and artistic practice. As a result, it was found that when they feel they belong to a group, their identification and social commitment involve affective relationships such as attentive listening, and effective welcoming. In this sense, the exchange of experiences, both theoretical and practical, developed motivational forces as a result of the cultural environment in which they live, affecting the way in which the subjects perceive themselves.

Keywords: Social memory. Formation. Identity. Go Star Group.

Introdução

O artigo tem como tema, a construção identitária, assim como, os

desempenhos subjetivos, que estão presentes nos conceitos de memória social de Halbwachs (2006), de juventudes em León (2004); pertencimento em Maffesoli (2001) e de identidade em Candau (2011). Esta base teórica oferece condições de reflexão sobre essas subjetividades constituídas que problematizam o objeto proposto, que tem como foco investigativo, um grupo de teatro juvenil e as imersões de práticas artísticas e culturais na cidade de Estrela no Rio Grande do Sul. Objetiva-se compreender e explicar as narrativas sobre as relações individuais e sociais de pertencimento ao grupo de teatro Go.Star, através do campo da memória na formação de jovens artistas. O questionamento de pesquisa ficou assim estabelecido: Como a partir das narrativas de memórias foi possível revelar a influência do grupo teatral Go.Star na formação identitária individual e coletiva em uma amostra de participantes?

A justificativa deste estudo está em compreender a Associação Espaço da Arte, na cidade e o grupo artístico de teatro que atualmente é formada por dezoito jovens, com idades entre 15 e 20 anos, que são convidados a participar ativamente das atividades, com o objetivo de produzir peças teatrais, contar histórias e desenvolver intervenções culturais na comunidade em que estão inseridos, além de compartilhar reflexões preciosas sobre o processo de criação artística da obra dramaturgica. Busca-se proporcionar uma ampliação da compreensão acerca das culturas juvenis num âmbito social, que podem ser observadas e incentivadas em escolas, comunidades e outros grupos e destacar o potencial da utilização da expressão artística como dispositivo para transformar e ampliar o capital social, conforme Bourdieu (1996), que se baseia na confiança dos jovens através da promoção de atividades artísticas.

Os conceitos norteadores são de Halbwachs (2006) sobre o quanto as culturas e memórias individuais influenciam as sociais, considerando que elas se inspiram mutuamente ao ponto de que o sujeito não sabe o que lhe pertence, ou o que é do Outro, “[...] atribuímos a nós mesmos, como se elas não tivessem sua origem em parte algum senão em nós, ideias e reflexões, ou sentimentos e paixões, que nos foram inspirados por nosso grupo” (HALBWACHS, 2006, p. 47). Assim, a memória social formada socialmente corrobora na construção da identidade. Candau (2011, p. 50) nos remete a elucidar sobre a “[...] relação mutável que há entre as

identidades individuais e coletivas, considerando que elas se formam e se transformam sob influências de um conjunto de representações, necessitando do reconhecimento do Outro”. Nesse sentido, é possível afirmar que as memórias são negociáveis e revogáveis, pois as “[...] atitudes e decisões tomadas cotidianamente, interferem [...] ao pertencimento e a construção identitária”, segundo Bauman (2005, p. 17).

Também o conceito de juventudes é abordado e problematizado sob diferentes perspectivas, pois se faz necessário considerar a construção teórica que envolve este tema. León (2004) nos remete a um processo psicossocial da construção da identidade juvenil, e destaca que o contexto de relações e práticas sociais influencia. Isso nos leva a ideia de pertencimento abordada sob a teoria de Maffesoli (2001), que considerou as relações e interações dos jovens, produzem num determinado contexto, uma matriz identificatória, escolhida de acordo com os desejos, proximidades e distanciamentos. Pais (1990) afirma que as manifestações e expressões culturais juvenis se expressam em modos de vida e precisam ser contextualizadas socialmente em diferentes gerações.

Metodologicamente, este artigo se situa no campo da pesquisa com grupos sociais, aplicada e qualitativa. As técnicas utilizadas foram levantamento bibliográfico em livros, artigos e *sites*, análise documental, além do estudo de caso, que fez uso de instrumentos de coleta de dados através da observação participante, entrevistas semiestruturadas. O artigo está dividido nessa introdução, seguida pelo referencial teórico, detalhamento metodológico e análises. No encerramento, segue as conclusões e referenciais utilizados.

Referencial teórico

Temas e conceitos se entrelaçam nas categorias memória social, juventudes, pertencimentos e na influência da formação da construção identitária e estão diretamente relacionados às relações sociais, ou seja, a própria sociedade e sua cultura. A sociedade, conforme os clássicos da sociologia podem ser considerados

com vários aspectos, ou seja, como um organismo social, segundo Augusto Comte justificando “[...] a intervenção na sociedade e a necessidade de assegurar a ordem ou promover o progresso” (COSTA, 1997, p. 51). Em Émile Durkheim, ao avaliar a sociedade como organismo, o autor apresentou os estados patológicos e, portanto, considerou o objetivo máximo da vida social deveria ser harmônico (COSTA). Em contraposição, também a emergência em compreender as relações de produção, conforme Marx, pois a “[...] estrutura social e a organização da sociedade demonstraram o conflito da luta de classe e das relações do capital e trabalho com toda uma geração da mais-valia” (COSTA, 1997, p. 85). Para Marx o capitalismo é injusto e explorador (COSTA, 1997). Já em Weber a formação social e histórica passou a ser entendida pela busca de evidências onde desenvolveu os estudos organizacionais. “Sua contribuição reflete o sentido social e a dinâmica dos grupos sociais por meio das relações de poder” (COSTA, 1997, p. 70).

Os grandes conceitos refletem modos de pensar e de construir as dimensões sociais presentes até os dias atuais. Contudo, a socialização, objeto de todas as teorias clássicas e, também, das contemporâneas demonstram significância e merecem ser estudadas. Hoje frente à multiplicação de rede de informação, vários são os parâmetros para a compreensão da vida social. Com muitos paradoxos presentes, cabe aqui, indicar um caminho de compreensão e explicação através de alguns conceitos. Com esses pressupostos cabe retomar o conceito de memórias, em Halbwachs (1990) que afirmou que cada memória individual, é um ponto de vista sobre a memória coletiva, ou seja,

[...] que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social (HALBWACHS, 1990, p. 51).

As lembranças são memoráveis pelos outros, na medida em que, há interação, pois os seres sociais, nunca estão sós, mesmo em aparência, visto que, os pensamentos e os atos são de natureza social. As memórias de um

acontecimento se dão a partir de dados ou de noções comuns, que fazem parte da subjetividade de cada indivíduo, que participa deste fato, e que continuam fazendo parte do grupo. Cada membro do grupo percebe essa massa de lembranças transportadas pela memória coletiva com maior ou menor intensidade, partindo de seu próprio ponto de vista.

Partindo das concepções sobre a formação de identidades e memórias, é possível pensar na construção identitária juvenil e suas implicações, pois segundo Candau (2011), a memória é “geradora” de identidade, no sentido que participa de sua construção, essa por sua vez, molda predisposições que vão levar os indivíduos a “incorporar” certos aspectos particulares do passado, a fazer escolhas memoriais. A construção pontuada pelo autor, diz de um trabalho de “[...] reapropriação e negociação que cada um deve fazer em relação ao seu passado para chegar a sua própria individualidade” (CANDAU, 2011, p. 16). Segundo Halbwachs (1990), o lugar recebe a marca do grupo por ele ocupado, e vice-versa:

Então, todas as ações do grupo podem se traduzir em termos espaciais. e o lugar ocupado por ele é somente a reunião de todos os termos. Cada aspecto, cada detalhe desse lugar em si mesmo tem um sentido que é inteligível apenas para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outro tanto de aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, ao menos, naquilo que havia nela de mais estável (HALBWACHS 1990, p. 133).

A partir de um determinado espaço sociocultural, de vivências e compartilhamentos de aspectos afetivo-cognitivos, da interação eu-outro-nós e considerando a formação psicossocial do indivíduo observado na construção da identidade individual e coletiva, que se fomentam as percepções e experiências através das relações pautadas nas culturas juvenis.

Nas últimas décadas, diversos estudos relacionados à juventude continuam chamando a atenção, no que diz respeito à construção identitária dos jovens e, os marcadores envolvidos nesta transição. Abordada em diferentes linhas e áreas de conhecimento, esta transição, de criança para adulto, envolve várias percepções, desde a Psicologia do Desenvolvimento inspirada na Teoria da Evolução das

Espécies de Charles Darwin, como numa concepção de construção sócio-histórica, cultural e relacional nas sociedades contemporâneas. O conceito de juventude está muito atrelado ao de adolescência, tanto que muitas vezes estas palavras são utilizadas como sinônimas, principalmente no campo da psicologia do desenvolvimento, clínica e educacional. No entanto, ao analisarmos e delimitarmos estes conceitos, eles nos remetem a concepções distintas de sujeitos, mas que ao mesmo tempo, estão muito implicadas.

Segundo León (2004), diferentes concepções relacionadas à adolescência, clássicas e contemporâneas, do ponto de vista biológico e fisiológico, concordam que esta fase do desenvolvimento humano se estende da puberdade até o início da capacidade de reprodução, até que todas as estruturas e processos necessários tenham amadurecido. Do ponto de vista, do desenvolvimento cognitivo e intelectual, León (2004) referencia a teoria piagetiana, pioneiro no campo da inteligência infantil e que, denomina o processo no qual o adolescente tem a estrutura do pensamento a nível abstrato, se aproximando a um modelo científico e lógico, de período das operações formais. Nesta fase, junto ao desenvolvimento cognitivo que se tem a configuração de um raciocínio social tomando como relevância os processos de identidade individual, coletiva e social, iniciando assim, a aquisição de habilidades sociais, conhecimento de aceitação/negação da ordem social e do desenvolvimento moral e de valores dos adolescentes.

León (2004, p. 89) pontua outra forma de conceber a adolescência a partir da teoria psicanalítica: “La teoría psicoanalítica concibe la adolescencia como resultado del desarrollo que se produce en la pubertad y que llevan a una modificación del equilibrio psíquico, produciendo una vulnerabilidad de la personalidad”. Assim, a adolescência, segundo a teoria psicanalítica, é conceituada, como um tempo do sujeito, uma passagem por processos complexos como: elaboração de perdas, de escolhas e de elaborações. Nesta perspectiva, a adolescência está atribuída diretamente a causas internas do sujeito e não classificada por uma idade, nem como período particular do desenvolvimento humano.

Em relação à teoria sociológica, o autor se serve das palavras de Delval (1998) para afirmar que a adolescência é um resultado das relações sociais ao qual o sujeito é submetido,

[...] la adolescencia es el resultado de tensiones y presiones que vienen del contexto social, fundamentalmente en lo relacionado con el proceso de socialización que lleva a cabo el sujeto y la adquisición de roles sociales, donde la adolescencia puede comprenderse primordialmente a causas sociales externas al mismo sujeto. La teoría de Piaget, releva los cambios en el pensamiento durante la adolescencia, donde el sujeto tiende a la elaboración de planes de vida y las transformaciones afectivas y sociales van unidas a cambios en el pensamiento, donde la adolescencia es el resultado de la interacción entre factores sociales e individuales (LEÓN, 2004, p. 89).

Sobre o conceito de juventudes, abordado sob diferentes perspectivas, no entanto, não é possível visualizar claramente uma construção teórica que problematize a realidade dos jovens e integre um marco de análise para a sua compreensão.

Cuando nos enfrentamos al concepto de juventud, éste es abordado desde distintas perspectivas, sin embargo, no se visualiza claramente una construcción teórica que problematice la realidad de los jóvenes e integre con ello un marco de análisis para su comprensión, y que tenga una tendencia hacia una visión más general de la juventud. Esto significa que no se trata de negar la realidad que conforman a los jóvenes, ni tampoco definirlos como sujetos que constituyen una etapa del individuo humano, intermedia entre la niñez y la edad adulta, sino más bien, elaborar un cimiento teórico conceptual que posicione al concepto y que sirva para interpretar los fenómenos juveniles antes de trabajar con el objeto real que son los jóvenes (BRITO, 1996) (LEÓN, 2004, p. 91).

Para a definição de juventudes, León, (2004), articula dois conceitos: o juvenil e o cotidiano. O juvenil nos remete ao processo psicossocial da construção da identidade, enquanto que o cotidiano, ao contexto de relações e práticas sociais em que esse processo é realizado, ancorados em fatores ecológicos, culturais e socioeconômicos. Sob esta perspectiva, a visão sobre o protagonista é incorporada à variação sociocultural e demográfica, “[...] entonces lo que incluye es la variable vida cotidiana que define la vivencia y experiencia del período juvenil” (LEÓN, 2004, p. 92).

Diante das necessidades de conversar e diferenciar adolescência e juventudes, estudos constroem e desconstroem significados em contextos e históricos específicos e processos permanentes de ressignificações. Guimarães e Macedo (2009) abordam em seus estudos as ideias de Pais (1996), afirmando que não há de fato um conceito único de juventude que possa abranger os diferentes campos semânticos que lhe aparecem associados. Assim, a ideia de juventudes considerada neste trabalho, nos remete a uma pluralidade de pensamentos, sentimentos, histórias, culturas e linguagens abordadas num grupo heterogêneo, referindo-se a ideia de juventudes como uma construção sociocultural.

[...] a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos (GROPPO, 2000, p. 8. *apud* GUIMARÃES; MACEDO, 2009, p. 4).

Considerando a ideia de construção sociocultural, nos remetemos à ideia de coletividade, de um conjunto de sujeitos com características, objetivos e interesses em comum, e que pertencem a um determinado grupo. Quanto à ideia de pertencimento, os autores se servem das ideias de Maffesoli (2001) afirmando que a escolha e adequação em um determinado grupo, “tribo” conforme o autor gera uma matriz identificatória observável nos códigos dos integrantes, hábitos compartilhados, ideologias, bem como, nos deveres e obrigações para com a organização social, características visíveis e reconhecíveis, induzindo a ideia de exclusividade. Essa socialidade é escolhida de acordo com o desejo, o que se quer próximo e o que se quer distanciar. A ideia de pertencimento a uma determinada tribo se afirma nas relações e interações que os jovens produzem num determinado contexto.

As práticas culturais juvenis, atravessadas pela sociologia do lazer, segundo Pais (1990), encontram-se distanciadas do universo das normas e valores impostos pelos mais velhos, o que não significa que não produzam o seu próprio *nomos*. Segundo o autor, as manifestações das expressões e culturas juvenis são tão passivas quanto anômicas, ao mesmo tempo, em que evidenciam um protagonismo

ativo, expresso em modos de vida especificamente juvenis. Para o autor, as práticas culturais necessitam ser repaginadas e centralizadas (PAIS, 1990), uma vez que são colocadas às margens do discurso sociológico. Elas precisam ser contextualizadas, para que seja observada a condição social em que os jovens se encontram, com suas práticas a partir dos estilos particulares de vida ou condicionamentos sociais derivados da estrutura de classe em que se encontram desenvolvendo suas práticas, bem como, considerando a condição geracional, logo, possíveis distanciamentos entre as diferentes gerações acerca das normas sociais mais prevalentes em cada uma.

Na linha de uma certa tradição sociológica, qualquer sociedade ou comunidade pode entender-se, como Parsons o entendia, como um «sistema social orientado por valores», sistema esse que se pode definir como um conjunto de instituições estruturalmente consistentes que expressam e «determinam» — mas sempre? — as normas e as funções desse dado sistema de valores. Estes valores seriam interiorizados mediante processos de socialização, de modo a servirem como padrões pessoais, morais e ideológicos definidores da realidade (PAIS, 1990, p. 593).

Neste sentido, faz-se importante questionar a importância da necessidade de compartilhar as mesmas ideologias, expressões e práticas de diferentes grupos, de contextos e gerações distintas, uma vez que, nem sempre são elas que os definem como um todo. A partir dessa posição na sociedade, os indivíduos constroem conhecimentos de mundo, segundo Teves (1992), logo, se constituem sob as múltiplas relações sociais, relações essas que vão configurando suas carências, seus desejos, suas fantasias, suas intuições. Dada a multiplicidade de influências socioculturais segundo Raupp (2016) as juventudes na construção da sua identidade, passam a se constituir como sujeitos portadores de uma bagagem com traços e influências familiares, de “tribos”, conforme Maffesoli (2001) desenvolveu e de culturas juvenis as quais fazem parte, e também por experiências vividas, suas memórias individuais, atreladas aos eventos individuais, se produzem nas relações com o outro, com os grupos e entre os grupos ao qual se faz parte. O processo de construção da identidade juvenil é complexo e contínuo. É uma ação contínua

associada a condicionantes que envolvem experiências pessoais, familiares, sociais, culturais e históricas.

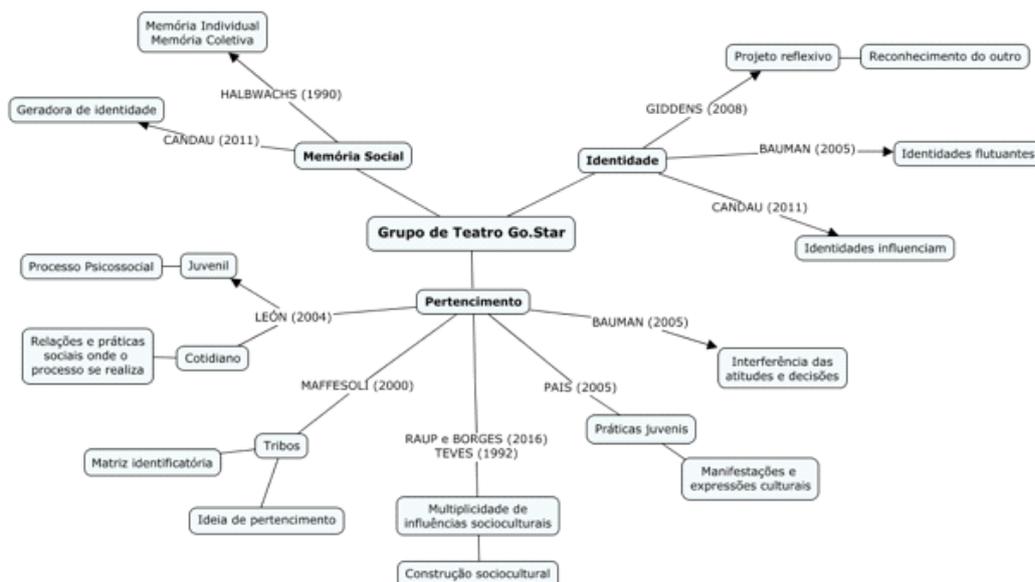
Uma identidade abrange a compreensão do Eu, logo, a ideia do Outro. A identidade não está relacionada apenas com o indivíduo, mas também com o Nós, a partir da concepção que tem de si, logo, do grupo. Tem um componente de inclusão e de exclusão, de fazer ou não parte, porque elementos de um mesmo grupo trazem consigo a mesma identidade social e, ao mesmo tempo, são diferentes socialmente de outros grupos. É, através da interação e da socialização, que as trocas coexistem e contribuem para a formação das memórias, logo da identidade dos sujeitos.

A identidade de cada sujeito é construída a partir das suas memórias, nas significações e apropriações do seu passado, que por sua vez, também sofrem mudanças, na medida em que, o sujeito vai se constituindo a partir das influências do presente. Segundo Candau (2011), a memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também modelada, logo, é possível afirmar que há um reforço mútuo entre a memória e a identidade na formação do sujeito, não podendo assim dissociá-las. Como representação do Eu, da ideia do ser, numa concepção utilizada na área das Ciências Humanas e Sociais, parte-se do pressuposto que a identidade, é uma representação do sujeito e, recebe influências do coletivo e a ele também influencia. A singularidade de cada sujeito é que fará a diferença na sua constituição, isso nos remete ao grupo, que é formado por diferentes sujeitos, cada um com sua singularidade. Corroborando com isso, Candau (2011) e Bauman (2005) apresentam que “[...] as identidades flutuam no ar, devido a própria escolha, infladas e lançadas pelas pessoas no entorno sendo necessário estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas” (BAUMAN, 2005, p. 19). Sobre identidade, Bauman (2005, p. 17) descreve:

[...] não têm a solidez de uma rocha, não são garantidas para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o pertencimento quanto para a identidade.

As identidades se formam e se delineiam aos poucos, sob as influências de conjuntos de representações, “[...] em uma relação sempre mutável mantida com o outro” observou Candau (2011, p. 50). As identidades, individuais e coletivas se entrecruzam por vetores, pois necessitam do reconhecimento do outro. A identidade, segundo Carvalho (2012, p. 213) se dá num conjunto de relações sociais, na qual a “auto-identidade”. E, conforme Giddens (2002) esse conceito de “projeto reflexivo” pessoal, tem o reconhecimento do outro, resultando de um processo de inter-relação entre o sujeito considerando a sua subjetivação, e a sociedade, logo, está no campo das identidades coletivas. É complexo, porque envolve uma preocupação em identificar-se, posicionar-se com e diante o Outro, um lugar de reconhecimento de si, de identidade individual, e de um reconhecimento de si no Outro, uma identidade social. Com base nessas referencias teóricas um mapa conceitual da figura 1 agrega as categorias utilizadas de forma visual.

Figura 1 – Mapa Conceitual reunindo os principais conceitos e autores abordados para alcançar os objetivos desta pesquisa, e na resolução dos pontos a serem analisados:



Fonte: Elaborado pelas autoras (2020).

Assim, tendo por bases esses construtos teóricos que indicam as reflexões sobre identidade; memória e pertencimento segue o método utilizado.

Método

Como grupo, como uma instituição social na qual se expressam diferentes culturas juvenis, segundo o pensamento de Carvalho (2012), o Go. Star adquire um importante significado no processo de construção das identidades dos jovens, posto que constitui-se num espaço de produção de saberes, inter-relações, intenções e operações simbólicas investidas de afetos e representações acerca do conjunto de relações e práticas que tem uma referência comum, de tal forma que sejam acessíveis aos atores. Nesse sentido, seguindo os critérios de cientificidade, cabe informar as etapas que foram utilizadas para o desenvolvimento desse artigo.

O estudo de caso, teve como objeto de estudo desta pesquisa o grupo de teatro Go.Star orientado pela Associação Espaço da Arte, na cidade de Estrela, situada no estado do Rio Grande do Sul. Conforme Yin (2001, p. 32) um “[...] estudo de caso é uma investigação empírica [...] de um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, especialmente quando o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”.

Por se tratar de jovens cumpre informar que o projeto de pesquisa passou por análise do CEP (Comitê de Ética em Pesquisa) obtendo o consentimento livre e esclarecido como anuência de seus representantes legais sob o parecer número 3.701.285 em 12 de novembro de 2019. Para a classificação de uma pesquisa aplicada exploratória e descritiva é importante informar que os procedimentos foram: pesquisa bibliográfica, documental e experimental onde o pesquisador através da pesquisa participante. As etapas foram:

1º etapa: Observação: Além do diário de campo, foram observadas anotações e narrativas dos integrantes do grupo redigidas no próprio Diário de Bordo Virtual do grupo, nomeado carinhosamente pelos integrantes de GO.STAR 2019 - Registro histórico-emocional. Este instrumento, que fica hospedado no *site Trello*.

2º etapa: Coleta de dados com entrevistas e filmagens: Esta parte conforme, Bauer e Gaskell (2002, p. 65) tem como “[...] compreensão dos mundos da vida dos Entrevistadas e do grupo social. Também um cunho etnográfico, fez-se uso de material proveniente das observações efetuadas (registradas em um diário de campo), diário virtual do Go.Star, filmagens e entrevistas. Conforme quadro de identificação dos entrevistados definiu-se o perfil:

Quadro 1 – Grupo de atores e perfil dos Entrevistados

Categoria	Idade	Tempo de atuação
A – Professor do teatro	43 anos	13 anos
B	16 anos	1 ano
C	18 anos	3 anos
D	17 anos	2 anos
E	19 anos	3 anos
D	18 anos	2 anos

Fonte: elaborado pela autora (2019).

As Entrevistadas e o entrevistado foram o identificado por letras de forma a manter sigilo parcial da sua identidade de forma a construir um protocolo de memórias sociais conclusivas. Os dados coletados foram analisados pelo método de análise de conteúdo (BARDIN, 2011), pois nas pesquisas qualitativas a escolha de método e técnicas para a análise de dados. Cumpre lembrar que o estudo não pretendeu generalizar as narrativas coletadas como sendo um padrão de todos os membros, visto que, abordou uma parte amostral do grupo Go Start no corpus, contudo nas análises. Essa amostra selecionada, foi denominada de grupo “Go. Star”.

Análise de dados

O processo de análise da construção da identidade num espaço privilegiado de transmissão e trocas de culturas e de produção de práticas sócio culturais, sobre o grupo de teatro Go.Star. Sob o enfoque da discussão de Rorty (2007, p. 67) citado por Carvalho (2012, p. 212) se destaca no “[...] sentido da identidade pessoal do ser humano”, a partir das diferenças que nos constitui ou de um sinal distintivo que nos permite criar algo novo e uma nova linguagem.

Descrição parcial do contexto da pesquisa e a Go Start

O grupo de teatro Go. Star ministrado na Associação Espaço da Arte, na cidade de Estrela, situada no estado do Rio Grande do Sul foi fundada em março de 2004, na cidade de Bom Princípio - RS, e teve como objetivo geral promover e/ou colaborar com a formação pessoal e social através da arte, da educação e de vivências em grupo, utilizando como instrumento a educação, a arte/teatro socialização e o bem-estar, promovendo reflexões e mudanças de paradigmas. O Espaço da Arte proporciona à comunidade aulas de teatro e dança, retiros, encontros e mostras artísticas em parceria com Prefeituras, entidades, organizações e iniciativa privada, atuando de forma descentralizada.

As aulas do Go.Star são semanais, com uma carga horária de 2h30min, e acontecem no espaço cedido pela Casa de Cultura de Estrela, onde ocorrem atividades da Escola de Artes do Núcleo Cultural. O Núcleo Cultural é uma entidade fundada em julho de 1989, que visa à estruturação e implementação de uma Escola de Artes, contemplando as áreas da música instrumental, artes cênicas, danças e artes plásticas. Atualmente, o Go. Star tem o objetivo de produzir peças teatrais, contações de histórias e intervenções artísticas na comunidade em que estão inseridos com aulas ministradas pelo professor Fernando Tepasse, diretor do Go. Star e idealizador e CEO do Espaço da Arte.

Descrições das categorias de conteúdo

O trabalho de organização das falas de entrevista possibilitou a criação de um esquema de categorias e subcategorias. A partir do quadro 2:

Quadro 2 – Categorias que emergiram na análise de conteúdo

Categoria	Subcategorias
Identidade	Auto-identidade
Memória	Lembranças passada Práticas História/Trajectoria
Vínculo	Ideia de pertencimento Diálogo Memória institucionalizada

Fonte: elaborado pela autora (2019).

A construção social e identitária dos jovens artistas do grupo Go.Star é mutável, num processo ativo e contínuo similar a uma encenação de uma peça teatral na qual os personagens criam e recriam a todo instante seus papéis sociais, preparando, engajando, divertindo e encenando, se apropriando de múltiplas características, e nos seus encontros e ensaios semanais acontecem diferentes relações sociais. Através de várias conversas com os entrevistados foi possível colher algumas informações:

A partir das suas concepções de sujeitos pertencentes a um determinado espaço sociocultural, de vivências e compartilhamentos afetivos cognitivos, de interação eu-outro-nós e, de formação psicossocial tanto individual como coletiva, o grupo integrantes do grupo de teatro Go. Star se apresentaram.

[...] Eu sou do grupo Go.Star, eu tenho 16 anos atualmente, [...]. Eu faço teatro, acho que... Desde os meus seis, sete anos, por aí. Então, vai completar nove anos que eu faço, este ano. No Go faz um ano, eu entrei este ano também. Um pouquinho menos de um ano (entrevistada B).

[...] eu tenho 18 anos e eu tô bem feliz em fazer esse projeto (entrevistada C).

[...] eu tenho 17 anos. Estou no Go desde 2018 (entrevistada D).

No do Go.Star, e dentro do grupo eu acho que eu sou uma das estrelinhas que hoje brilha muito, por resultado do que a gente faz ali, tanto no teatro e na... No companheirismo, na parceria, em toda ajuda que a gente recebe, [...] nos outros participantes do grupo. Eu entrei no Go em 2017. São três... Dois anos (entrevistada F).

A partir das apresentações foi possível observar a importância que tem o reconhecimento do outro na construção da auto-identidade, num processo reflexivo. Ao anunciarem como são chamadas no “Go” (nome pelo qual chamam carinhosamente o grupo de teatro ao qual fazem parte), revelam o quanto suas identidades são construídas, segundo suas significações, e que segundo Bauman (2005), algumas são de suas próprias escolhas, mas outras lançadas, pelos que estão à nossa volta, neste caso, os demais integrantes do grupo. Aceitá-las ou não, remete a uma preocupação em identificar-se e posicionar-se com e diante o Outro, um lugar de reconhecimento de si.

A entrevistada F, ao comentar que “hoje ela é uma das estrelinhas que brilha muito” devido ao trabalho coletivo do grupo, nos apontou o quanto a identidade dos sujeitos se forma, construída através da interação e das trocas realizadas nas socializações existentes entre os sujeitos. Segundo Candau (2011, p. 50), “[...] as identidades se formam e se delineiam aos poucos sob as influências de conjuntos de representações, [...] em uma relação sempre mutável mantida com o outro”.

Partindo da concepção de que pertencer a um grupo é um grande instrumento para desenvolver a consciência própria e coletiva, pois, propicia o “estar consigo mesmo” e também com o Outro, se entende o contexto ao seu redor e se relaciona com ele, com o seu significado de fazer parte de um grupo, que num processo ativo

e contínuo, criam e recriam papéis sociais num determinado espaço, propício para as relações que ali se estabelecem. Segundo Halbwachs (1990, p. 159), “[...] todas as ações do grupo podem se traduzir em termos espaciais, e o lugar ocupado por ele é somente a reunião de todos os termos”. As concepções coletadas do Go. Star quanto ao pertencimento e a relação, que possuem com este espaço de identificação, de vivência e de criação, revelaram que uma mesma prática artística, lhes influencia de maneira diferente, ao mesmo tempo que interfere na sua construção identitária. Conforme sua declaração informou o seu processo de aprendizagem e a indicação de uma experiência comportamental manifesta e da sugestão de seus pais para outra resposta emocional cognitiva a partir do trabalho em grupo:

Pra mim, teatro é como se fosse parte da minha vida agora. Como se fosse um pouquinho do meu DNA, que corresse pelo meu corpo, e é uma coisa que me caracteriza, assim como o meu nome, assim como o meu jeito de ser. [...] passou a ser parte da minha vida. Desde muito nova eu sofria de ansiedade e tinha muita vergonha de me pronunciar em público, então eu tinha muito problema de socialização na escola e eu não conseguia falar com as outras pessoas. Então, a minha mãe me colocou no teatro pra que eu conseguisse desenvolver essa capacidade e me soltar um pouquinho mais (entrevistada B).

Nesse sentido, participar do teatro como um espaço sociocultural é algo particular de cada sujeito e da interação dele com o meio, com as pessoas ao seu entorno, principalmente a família, como sendo a primeira célula social. A resignificação contínua se dá a partir das redes de relacionamentos, e é através dessas relações que são constituídas, reforçando a formação da identidade. Para justificar este pensamento, reporta-se ao motivo pelo qual as jovens artistas adentraram nesta carreira. Ao relato anterior das entrevistadas B e D se reitera a ideia da influência pelo Outro, assim como as dependências das relações e práticas sociais em que esse processo é realizado (LÉON, 2004). Nesse sentido, a narrativa da entrevistada D deixou claro:

Eu não fui bem motivada a fazer teatro, na realidade foi a minha mãe... Eu era muito pequena quando eu entrei, eu tinha seis anos, então foi a minha mãe que decidiu me colocar lá, e de início eu até não queria muito. Ela disse que pra melhorar a minha timidez, pra eu não ser mais tão tímida, pra eu ter mais desenvoltura, saber falar em público, seria legal que eu fizesse teatro (entrevistada D).

A partir da declaração exposta é possível lembrar a ideia de Halbwachs (1990) referente à memória individual, o qual afirma ser um ponto de vista sobre a memória coletiva, e que este ponto é mutável de acordo com o lugar que se ocupa e, das relações que se mantém num determinado espaço, a entrevistada C remeteu a vivência no Go.Star, como algo prazeroso e acolhedor, condizente com a ideia de pertencimento a um grupo.

Pra mim, fazer teatro é como uma válvula de escape sabe? [...] Como quando tu tá muito acelerado, com esses dias muito acelerados e aí tu chega num lugar onde tu encontras as pessoas, que tu gosta e, tu te sente aliviado, assim, sabe? Pra mim, fazer teatro é como se eu entrasse em uma bolha e, eu estivesse segura ali dentro, sabe? Eu posso ser quem eu sou, [...] A gente preza muito pelo outro, e a gente tem aquela coisa de saber escutar, de saber ouvir, e eu acho que esse vínculo faz com que a gente seja cada vez mais próxima (entrevistada C).

A ideia de identificação com um grupo reportado nas palavras da entrevistada C, vão de acordo com o pensamento de Maffesoli (2001) quanto ao grupo gerar uma matriz identificatória, que passa a ser afirmada nas relações e interações produzidas pelos jovens, num determinado contexto. Neste caso, pertencer ao Go.Star para a entrevistada C, é fazer parte de uma organização social exclusiva daqueles participantes. A narrativa da entrevistada C viabiliza o conceito de imagem de cada participante, visto que eles se sentem institucionalizados, são iguais, são naturais nas cobranças, nas incertezas, no pensar em ser sujeito produzindo nessa organização. Aponta foco no todo e nas partes ao mesmo tempo, numa maneira complexa multidimensional, plural, transversal e interdisciplinar que se materializa na articulação do que é tecido junto. Na fala de Morin (2000), é a própria complexidade. No relato da entrevistada E, observou-se a ideia do quanto às relações sociais se

constituem no espaço social que é o teatro, e se configuram conforme suas carências, desejos e anseios.

O teatro pra mim é... É vida, assim, é onde eu me encontro e... é onde eu consigo ser a Maria Eduarda, ser a Cabeluda, e me experimentar em diversos papéis e diversas personalidades ao mesmo tempo. Eu acho que isso... O teatro é uma experiência enriquecedora, que me transformou tanto na parte artística, quanto na parte pessoal (entrevistada E).

A ideia do imaginário se faz presente na fala da entrevistada E, ao mencionar a oportunidade de se experimentar em diversos papéis e personalidades. Da perspectiva identificatória do individual e do coletivo, Maffesoli (2001) afirma que o imaginário é o estado de espírito de um grupo, de uma comunidade e que estabelece vínculo. “É cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual” (MAFFESOLI, 2001, p. 76).

Sendo o Imaginário uma ficção, conforme Maffesoli (2001), o teatro, na sua trajetória, passou a existir conjuntamente à existência humana, na medida em que, os homens passaram a assumir outras personalidades e, delas a fazer jogos dramáticos. O Go.Star surgiu na cidade de Estrela com objetivos pedagógicos, como podemos observar no relato do professor responsável pelo grupo, e passou a ter uma conotação especial para os jovens integrantes, um desejo, algo a ser conquistado.

O Go.Star nasce lá em 2007/2008, a partir de uma solicitação que me fizeram de fazer um espetáculo para uma escola falando sobre a questão da... De cárie, dente e coisa e tal, e aí eu reuni alguns alunos da oficina de teatro e surgiu a ideia, então, de ter um grupo oficial na cidade, na cidade aqui de Estrela, com base nas oficinas, e a partir disso ir se criando. Então, nesse ano foi no ano seguinte a gente conseguiu... A própria Secretaria de Cultura... Turismo pediu pra gente fazer uma peça sobre... Sobre a Rota Romântica, [...] O Go.Star é, querendo ou não, um dos grupos mais ativos do Espaço da Arte, que mais tem ação, que mais tem trabalho, que mais... Esse ano, então, nem se fala, né? Foi o que mais trabalhou, de verdade, Eu sou apaixonado por esse grupo, sou apaixonado por aquelas pessoas que estão lá, e a cada ano entra... E é muito legal, porque tem uma mística, né, dentro do grupo. [...] Então, eu sou muito feliz de poder trabalhar com eles

(entrevistada A).

O Go.Star traz consigo uma teia de significações que atravessa o imaginário dos seus integrantes. Fazer parte deste grupo seletivo remete a uma ideologia de sujeito baseado nas ideias de Althusser (1992), o *assujeitamento*. O indivíduo está sempre sujeito ao Outro, que o interpela constantemente num processo de reconhecimento/desconhecimento. O indivíduo não se dá conta que se identifica e se reconhece num discurso do Outro, se constituindo e se reproduzindo nas relações que ali se estabelece. A instituição Go.Star, baseada na ideia de transformação pessoal e social através da arte, da educação, da socialização promovendo reflexões e mudanças de paradigmas, reflete este processo apontado por Althusser (1992), no qual o indivíduo, diante da rede de sentidos existentes, filia-se e se afeta pela identificação, gerando assim, um discurso constitutivo do objeto social. O discurso da entrevistada B reflete tal pensamento.

Pra mim, o Go é uma segunda família. Então, eu acho que... É um monte de gente lá reunida, diferente, e a gente tem... Cada um dá um pouquinho de si pra contribuir com o Go, então isso é uma troca de carinho, uma troca de amor e de experiência que a gente vai acumulando pra se tornar, cada vez mais, uma pessoa melhor. Então, é uma família (entrevistada B).

A fala da entrevistada B aponta o quanto o coletivo influencia na constituição do indivíduo, o quanto a experiência da troca com os colegas é prazerosa, os laços afetivos são evidentes na sua fala, aspectos reforçados pela entrevistada C, que reportou o quanto os aspectos afetivos envolvidos neste espaço, auxiliaram na sua formação psicossocial. Neste sentido, Halbwachs (1990) afirmou que a importância referida a algo ou alguém, nos é definido pelo lugar no conjunto dos outros, através das “interferências coletivas”. A entrevistada C se reportou às suas memórias e anseios ao comentar sobre sua entrada no grupo.

É um sonho, sabe? E é curioso porque, como eu faço teatro desde nova, pra mim, entrar no Go foi uma surpresa, sabe? Eu não acreditava que eu

pudesse entrar.... Eu não tinha aquela confiança, assim. E aí, no último minuto ele me convidou e eu aceitei. Foi tipo um: 'Tá bom, eu vou'. Eu não tinha muita expectativa, eu não tinha muita... Eu não tinha um sonho, assim, uma idealização e aí entrar foi... é essencial na minha identidade, na construção da pessoa que eu tô me tornando, e é muito bom fazer parte desse grupo (entrevistada C).

Cabe ressaltar o conceito de identidade abordado neste artigo, pois percebe-se que a entrevistada parece confundir-se com a construção do sujeito que interfere na identificação e na identidade e ou nos processos de construção de sentido. Uma identidade abrange uma compreensão do Eu, logo, a ideia do Outro. Tem um componente de inclusão e de exclusão, de fazer parte ou não. Bauman (2005) alerta o quanto as identidades pairam no ar, algumas escolhidas pelo próprio sujeito, mas outras lançadas por quem está à volta. Cabe a ele defender as primeiras em relação às outras. A entrevistada C, como sujeito atribui sentido ao seu entorno, ao mundo que lhe rodeia, tece o imaginário e a sua cultura (quer ser diferente), mas prende-se a ela na tentativa de explicar que ele era.

O tempo e o espaço se dão no âmbito da subjetividade, da troca de emoções e afetividade, conforme Jovchelovitch (1999). Na fala que segue, a entrevistada B se reporta ao tempo, indicando que a constituição de um sujeito depende do tempo e do espaço em que se ocupa no interior de algo pré-existente e determinante de uma posição.

É uma relação de... Como se a gente fosse amigo por muito tempo e casualmente entrou no mesmo grupo de teatro, apesar de ter sido ao contrário, porque a gente entrou no grupo antes, pra depois virar amigo. [...] Parece que agora todo mundo é como se fosse meu amigo há muito tempo, [...], é porque era pra ser, e algo exterior fez todo mundo se unir daquela forma (entrevistada B).

Fazer parte de um grupo específico é criar laços, conforme o autor Maffesoli (2001), uma rede social e afetiva que se afirma numa matriz identificatória, nos hábitos compartilhados e ideologias. A ideia de pertencimento vai se constituindo sob as múltiplas relações sociais, que vão se configurando através desses vínculos. Essa socialidade é escolhida de acordo com o desejo, o que se quer próximo e o

que se quer distanciar. A ideia de pertencimento se afirma nas relações e interações produzidas num determinado contexto. A partir dos relatos, foi possível constatar a importância destes vínculos, bem como, a ideia de pertencimento dos integrantes do Go.Star, o qual, frequentemente é denominado pelas entrevistadas como uma família.

[...] Eu acho que para aluno é um... É o desejo, eu sinto que é o desejo de muitos, assim, é como se fosse a última etapa: tu entra pequenininho lá na escola, vai fazendo teatro, fazendo teatro, e daqui a pouco tu tá tendo a oportunidade, até porque, como a gente seleciona e a cada ano entra e sai gente, essa possibilidade de entrar ela é... (entrevistado A).

[...] o Go era simplesmente uma coisa que acontecia, não tinha bem como descrever o que era ao certo, porque eram muitas ações espontâneas de gente que eu não era muito conhecida, [...] de se sentir realmente como parte daquilo não só como grupo, mas algo fora dele: um ciclo de amizades que vai se estender por muito tempo, e pra fora do teatro. [...] Seria mais uma troca de ações espontâneas e do que é ser humano, da forma mais primitiva do amor que a gente troca lá dentro (entrevistada B).

Percebe-se na narrativa da entrevistada B, o quanto as relações afetivas afetam os integrantes, reforçam os vínculos e a ideia de pertencimento desfocadas da noção de tempo e espaço. Conexões e laços reforçados na fala da entrevistada C.

Eu entrei num grupo onde todas as pessoas eram mais velhas que eu, e eu me sentia um pouco... Digamos assim, de lado, sabe? Aos poucos... Eu tinha muito medo de falar, de interagir, porque eu achava que essas pessoas não iam me compreender. [...] Eu acho que a gente não precisa estar, literalmente, no dia da aula, no dia da apresentação, pra sermos amigos, pra sermos uma família (entrevistada C).

O Go.Star, pra mim, é uma segunda família. É onde eu sei que eu posso ser o que eu quiser, sempre, sem medo nenhum: sem medo de rir, sem medo de chorar, sem medo de nada. “[...] nós não somos só colegas de teatro, nós somos amigos. Mais que amigos, porque sempre que alguém precisa, o outro tá ali. Independente de... Vínculos [...] com a nossa entrega, a gente se conhece, a gente conhece o outro lado das pessoas. [...] (entrevistada F).

Observa-se que, frequentemente, as entrevistadas se reportam ao Go. Star como uma família. Sendo assim, cabe analisar o conceito que dá sentido, significado a esta instituição como uma organização na visão destes jovens artistas. Como um espaço social propício para a realização de trocas sustentadas na afetividade e na afinidade, o Go. Star é um grupo no qual os vínculos garantem uma convivência sadia e prazerosa, propiciando espaço para o diálogo e a segurança de uma família. Neste sentido, Bourdieu (1996, p. 126) comenta que “[...] o discurso comum frequentemente (e, sem dúvida, universalmente, inspira-se na família de modelos ideais das relações humanas”. Logo, os sentimentos intrínsecos que envolvem as relações familiares, segundo o autor, são os que tendem a funcionar como princípios de construção e de avaliação de toda a relação social, tal qual é observado nas falas das entrevistas.

As relações e os padrões aos quais as pessoas são expostas as compõem como sujeitos. Os modos de subjetivação dizem respeito das cenas e construções realizadas diariamente, da história, das memórias que são construídas a partir de significações e apropriações das experiências vividas no coletivo e que interferem na construção identitária de cada sujeito. O relato seguinte corrobora com o pensamento de Candau (2011), o qual afirmou que as memórias, ao mesmo tempo, em que modela os sujeitos na formação das suas identidades, também é modelado num esforço recíproco.

Eu acho que o processo de grupo que a gente proporciona dentro do Go, além do treinamento prático de atuação, de montagem de peça e de apresentar... As experiências [...] quem passa pelo grupo acaba tendo um desenvolvimento maior, em todos os aspectos da sua vida, e um entendimento das coisas (entrevistada A).

Diante do objetivo de analisar e descrever o processo de pertencimento e participação dos jovens no grupo de teatro Go.Star, na formação de uma memória social, ou seja do grupo e a influência desse processo na suas identidades, foi possível identificar as seguintes subcategorias auto identidade, lembranças

passadas, práticas, história/trajetória, ideia de pertencimento, diálogo e memória institucionalizada, que permitiram considerar que a Associação Espaço da Arte e o grupo teatral Go.Star são organizações que permitem aos jovens aprendizados que os auxiliam no desenvolvimento pessoal através da arte.

Os jovens artistas se formam e vão formando os outros através de um processo de trocas e de reconhecimentos, no qual o individual e o coletivo se fundem e se completam. Por ser formado exclusivamente por jovens, o grupo de teatro Go. Star, além de ser formado por uma identidade coletiva, no seu fazer artístico, seus membros criadores compartilham de uma mesma linguagem, pensamentos, sentimentos e representações, reconhecendo-se a si mesmo como pertencentes de um coletivo que compartilha a mesma memória construída no seu fazer criativo. Através das práticas, os jovens se experimentam e se constituem como sujeitos ativos, pertencentes a um grupo que possui os mesmos ideais, objetivos e características, marcadas pelas relações e práticas sociais em que o processo psicossocial, que remete ao juvenil, é realizado.

A partir das narrativas dos jovens artistas integrantes do grupo de teatro Go. Star, pautados nas suas memórias individuais e coletivas, e de relatos de experiências pessoais que deram forma e significado na sua construção identitária, foi possível compreender o quanto as relações afetivas influenciam nos modos de ser e de pertencer a um determinado grupo. Ficou evidenciado o pensamento de Candau (2011) quanto a relação que há entre memória e identidade, e a impossibilidade de dissociá-las considerando a ideia do “Nós”, como uma identidade coletiva, formada e transformada sob influências de um conjunto de representações.

Ao se deparar com diferentes culturas em grupos juvenis, observando o quanto as culturas e memórias individuais influenciam as sociais e vice-versa, ampliou-se a compreensão acerca das culturas juvenis num âmbito social, considerando as ideias de Halbwachs (2006), quanto à atribuição a nós mesmos, ideias, reflexões e sentimentos que nos foram inspirados por outros que fazem parte do grupo ao qual pertencemos.

As observações ativas das práticas dos jovens artistas e as entrevistas com os integrantes do Go. Star, elucidaram a ideia de pertencimento pontuada por

Maffesoli (2001), tanto que a palavra que se destacou nas narrativas dos jovens foi “família”, no sentido de fazer parte de algo significativo, num processo de constituição de uma identidade coletiva. Observou-se que participar do grupo de teatro Go. Star, além do treinamento prático de atuação através de jogos teatrais, de montagem de peça e de apresentação artística, possibilita desenvolvimento emocional, formação e transformação pessoal e social através da arte, da educação e de vivências em grupo, utilizando como instrumento a educação, socialização e o bem-estar, promovendo reflexões e mudanças de paradigmas através de questionamentos, pesquisas e discussões em grupo. Conversações realizadas no início e ou no final de cada aula, pontuavam um trabalho em conjunto, dando um sentido de coletividade e de compromisso consigo e com ou outro aos participantes.

Pontua-se a importância dos jovens envolvidos numa prática cultural e artística sentirem-se pertencente a um grupo, o que implica em identificação e compromisso social envolvidos em relações afetivas que vão desde uma escuta atenta, a um acolhimento efetivo, que possibilitem uma identificação, logo, uma oportunidade de troca de experiências na medida em que cada indivíduo tem tendência a desenvolver forças motivacionais como resultado do ambiente cultural em que vive, afetando a maneira pela qual os sujeitos percebem a si e ao outro.

Considerações finais

O artigo Narrativas de Memória Social do grupo de teatro Go. Star e sua influência na formação identitária, ofereceu condições de refletir sobre essas subjetividades constituídas que problematizaram o objeto proposto, que tem como foco investigativo, a um grupo de teatro juvenil e suas imersões de práticas artísticas e culturais na cidade de Estrela no Rio Grande do Sul. O problema de pesquisa e o objetivo ao qual o artigo se refere que foi analisar e descrever o processo de pertencimento e participação dos jovens no teatro e a influência na construção de suas identidades, bem como a formação de uma memória social, foram respondidos.

A justificativa deste estudo esteve em compreender a Associação Espaço da

Arte, na cidade e o grupo artístico de teatro Go. Star considerando o relacionamento interpessoal entre eles, como uma ligação, conexão no qual o processo de construção e de aprendizagem é constante e sistemático. As individualidades se fundem ao coletivo, capacidades e competências se fortalecem e se desenvolvem, assim como as forças motivacionais envolvidas no processo de construção identitária.

Buscou-se proporcionar uma ampliação da compreensão acerca das culturas juvenis num âmbito social, que podem ser observadas e incentivadas em escolas, comunidades e outros grupos de culturas juvenis e destacar o potencial da utilização da expressão artística como dispositivo para transformar e ampliar o capital social conforme Bourdieu (1996) que se baseia na confiança dos jovens através da promoção de atividades artísticas. Os conceitos norteadores foram de Halbwachs (2006) sobre o quanto as culturas e memórias individuais influenciam as sociais e vice-versa, considerando que elas se inspiram mutuamente ao ponto de que o sujeito não sabe o que lhe pertence, ou o que é do Outro, “[...] atribuímos a nós mesmos, como se elas não tivessem sua origem em parte alguma senão em nós, ideias e reflexões, ou sentimentos e paixões, que nos foram inspirados por nosso grupo” (HALBWACHS, 2006, p. 47).

Assim, a memória social se constitui formada socialmente e corrobora na construção da identidade. Candau (2011, p. 50) nos remeteu a elucidar sobre a “[...] relação mutável que há entre as identidades individuais e coletivas, considerando que elas se formam e se transformam com a influência de um conjunto de representações, necessitando do reconhecimento do Outro”. Nesse sentido, foi possível afirmar que as memórias são negociáveis e revogáveis, pois as “[...] atitudes e decisões tomadas cotidianamente, interferem [...] ao pertencimento e a construção identitária”, segundo Bauman (2005, p. 17).

Também o conceito de juventudes foi abordado e problematizado através de diferentes perspectivas, pois se fez necessário considerar a construção teórica que envolveu este tema. León (2004) nos remeteu a um processo psicossocial da construção da identidade juvenil, e destacou que o contexto de relações e práticas sociais influencia. Isso nos levou a ideia de pertencimento abordada sob a teoria de Maffesoli (2001), que considerou as relações e interações dos jovens, produzem

num determinado contexto, uma matriz identificatória, escolhida de acordo com os desejos, proximidades e distanciamentos. Pais (1990) afirmou que as manifestações e expressões culturais juvenis se expressam em modos de vida e precisam ser contextualizadas socialmente em diferentes gerações.

Metodologicamente, este artigo se situou o campo da pesquisa social aplicada e qualitativa, e seguiu o modelo Bardin (2011), que foi apropriado para interpretar as falas das entrevistadas, permitindo que a pesquisa fosse realizada. O tema abordado instiga a continuar pesquisando, pois o campo social é vasto, e os jovens estão em constante processo de construção identitária e de autoconhecimento. Além disso, o grupo de teatro é algo que traz uma determinada distinção para os jovens, neste espaço se realiza um trabalho não só de caráter artístico, mas de construção de sujeitos.

Referências

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro. Graal, 1992.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições, 70. 2011.
- BAUER, Martin; Gaskell, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto**, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: Sobre a teoria da ação. Campinas: Papius, 1996.
- CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista brasileira de enfermagem**, Brasília, v. 57, n. 5, p. 611-614, out. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672004000500019&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 jun. 2020.
- CANAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CARVALHO, Mauro. A Construção das Identidades no Espaço Escolar. **Reflexão e**

Ação, Santa Cruz do Sul, v. 20, n. 1, p. 209-227, jan./jun. 2012. Semestral. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2161>. Acesso em: 21 jun. 2020.

CATÁLOGO de Teses & Dissertações. *In*: CAPES. Brasília, c2016. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 21 jun. 2020.

COSTA, Cristina. **Sociologia**: introdução a ciência da sociedade. São Paulo: Moderna, 1997.

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2004.

GUIMARÃES, Giselene Garcia; MACEDO, Juliana Gomes de. Culturas Juvenis: uma resignificação contemporânea? **Travessias**: pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte, Cascavel, v. 3, n. 2, p. 1-18, 2009. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3359/2650>. Acesso em: 21 jun. 2020.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 1990.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e espaço público**: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999.

LEÓN Dávila, Oscar. Adolescencia y juventud: de las nociones a los abordajes. **Última Década**, n. 21, p. 83-104, dez. 2004. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=19502103>. Acesso em: 03 dez. 2018.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. [Entrevista cedida a] Juremir Machado da Silva. Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 8, n. 15, p. 74-82, ago. 2001. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3123/2395>. Acesso em: 21 jun. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORIN, Edgar. **Meus demônios**. São Paulo: Bertrand Brasil; 2000.

PAIS, José Machado. As correntes teóricas da sociologia da juventude. *In*: PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1996.

PAIS, José Machado. Lazeres e sociabilidades juvenis — um ensaio de análise etnográfica. **Análise Social**, Lisboa, v. 24, p. 108-109, p. 591-644, 1990. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223034680R2wZZ4cf6TI39AV5.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2020.

RAUPP, Luciane. Juventude, Identidade e Memória. *In*: IV JORNADAS MERCOSUL: MEMÓRIA, AMBIENTE E PATRIMÔNIO, 4., 2016, Canoas. **Anais eletrônicos** [...]. Canoas: Unilasalle, 2016 Disponível em: <https://www.unilasalle.edu.br/uploads/files/d756c9e3452b572d7bef5665d2334e17.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2020.

TEVES, Nilda. **Imaginação social e educação**. Rio de Janeiro: Gryphus; Faculdade de Educação da UFRJ, 1992.

YIN, Roberto. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.